

A Velocidade como Fator de Variação Linguística

*Claiz Passos,
Ma. Emília Passos,
Sumaia Sabade Araújo,
do Instituto de Letras
da UFBA.*

OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Os estudos lingüísticos contemporâneos demonstram que a variação é uma constante do comportamento verbal. Além disso, está constatado que essa variação é parte inerente do sistema, visto que se manifesta em padrões regulares de distribuição. Esse tipo de abordagem contraria a tendência geral dos estudos científicos de língua, principalmente a partir da segunda metade do século XX, quando predomina a preocupação de descrever a língua de um "falante-ouvinte ideal" (1), fora da realidade e do contexto social.

A variação lingüística não só caracteriza as diferentes comunidades de fala como também indica os estilos na fala de um mesmo indivíduo. No que se refere aos estudos estilísticos, a literatura diverge na identificação de suas categorias, demonstrando, assim, dificuldade em defini-las. Os lingüistas, no entanto, são unânimes em ressaltar a função da velocidade de

Este trabalho resulta de uma síntese do relatório de investigação apresentado à COPERT como atividade de pesquisa do ano acadêmico de 1979, da seguinte equipe do setor de Lingüística: Professores Claiz Passos, Maria Emília Passos e Sumaia Sabade Araújo (pesquisadores principais); Ivone Afonso Novis (assistente de pesquisa); Suzana Helena Longo Sampaio e estudantes de pós-graduação Eliana Sandra Pitombo Teixeira e de graduação Maria das Mercês Carneiro de Mendonça e Maria Virginia Matos de Oliveira Costa (colaboradores).

pronúncia como indicador do grau de formalidade do discurso. Com base nas investigações sobre o padrão regular de variação lingüística e nas constatações sobre a relação entre velocidade e formalidade do discurso, este estudo se propõe a medir a velocidade da fala e investigar a sua função como fator identificador de variação estilística.

POSTULADOS BÁSICOS

Os lingüistas que se referem à velocidade como um fator condicionante de variações estilísticas divergem entre si ao definirem estilos como unidades discretas ou como variações graduais ao longo de um eixo, denotador dos diferentes níveis de formalidade. Rudes (1975) admite uma interdependência dos estilos, ao argumentar que aqueles mais rápidos têm, como *input*, o *output* do estilo localizado na posição imediatamente inferior, em termos de velocidade. Essa proposta pressupõe que processos independentes participem de cada ciclo gerador das diferentes velocidades. Os estilos, pois, são interpretados como unidades discretas que obedecem a um sistema fixo de derivação, i.e., o primeiro estágio corresponde ao estilo mais lento e os demais coincidem com diferentes níveis produzidos pelo aumento de velocidade. Pergunta-se, entretanto, como justificar empiricamente que o ciclo de regras da fala mais rápida atue sobre o *output* resultante da aplicação de todos os ciclos ou conjuntos de regras que produzem os diferentes níveis inferiores de velocidade? Não será a fala usada na conversação, nas atividades da fala diária — a primeira adquirida pela criança — aquela mais reveladora da realidade psicológica do falante?

Por outro lado, Bolozki argumenta sobre a existência de um contínuo de velocidade, caracterizado por processos variáveis. Propõe que os processos de assimilação e redução, variando em produtividade, atuem na formação das diferentes velocidades. A fala rápida, por sua vez, é definida por graus de velocidade resultantes da aplicação dos mesmos processos da fala normal, os quais, no entanto, se apresentam modificados. Vale ressaltar, no entanto, que Bolozki, apesar de negar aos estilos o *status* de unidades discretas, concorda porém com Rudes ao admitir o princípio de derivação dos diferentes níveis de fala do menos para o mais rápido.

M. B. Abaurre Gnerre (1976) propõe a inclusão da "velocidade de pronúncia" na descrição estrutural de regras fonológicas, condicionando, desse modo, a produtividade do processo às diferentes velocidades de fala. Considera, ainda, o estilo como fator básico determinante da velocidade que, por sua vez, desencadeia os processos fonológicos que vão derivar os diferentes padrões rítmicos. Assim, o padrão rítmico ocupa a última posição de uma escala hierárquica do processo de derivação das variações estilísticas da fala. Cumpre observar, no entanto, que uma hierarquização de fatores condicionantes de variação estilística em que a velocidade ocupe um lugar distinto dos padrões rítmicos é difícil de ser admitida. Ao definir as diferentes unidades estilísticas, Rudes (1975) argumenta que a velocidade, diferentemente dos elementos supra-segmentais, não se organiza em padrões recorrentes com significação constante. Na verdade, o que se verifica, no entanto, não é uma ausência de padrões de velocidade, mas uma identificação de variação de velocidade com padrão rítmico. Essa

íntima relação entre padrão rítmico e velocidade leva a concluir que esses elementos não podem integrar níveis hierárquicos distintos, mas devem ambos decorrer da aplicação, com diferentes graus de produtividade, dos processos fonológicos.

Zwicky (1972) com base na hipótese de que a aquisição da língua nativa se realiza pela desaprendizagem dos processos naturais, admite que a fala normal/lenta consiste de restrições impostas aos processos que ocorrem na fala rápida. Nesse caso, a fala normal/lenta corresponde a um estágio posterior de aquisição.

W. Labov depreende um padrão estrutural de variação, a partir da identificação da frequência de uso das regras por cada classe social nos diferentes estilos. Além disso, admite um contínuo de alternâncias estilísticas condicionadas pelo grau de atenção dedicada à fala. Ao estudar um grupo da comunidade de Nova York, Labov (1966) demonstra que a variável lingüística atua de acordo com padrões regulares de comportamento, condicionados por fatores lingüísticos e extra-lingüísticos. A frequência de uso da variável, portanto, pode ser controlada a partir da identificação dos fatores que a favorecem. O referido autor constata um padrão estrutural de distribuição de determinadas variáveis fonológicas, detectadas em amostra representativa de vários grupos étnicos, pertencentes a quatro classes sociais da população de Nova York. A frequência de uso de cada variável, identificada pela correlação entre classe social do falante e tipo de estilo, atesta a existência de um padrão estrutural de distribuição.

Com o objetivo de estudar a variação da fala, Labov observa que os vários estilos não são unidades discretas, mas distribuem-se ao longo de um único contínuo de variações graduais, indicadas pelo grau de atenção dedicado à fala. Desse modo, propõe métodos para isolar e definir possíveis estilos. O vernáculo — fala casual — é considerado a fala que se caracteriza pelo grau mínimo de atenção que lhe é dedicada. Desde que se torna bastante difícil obter o vernáculo, dentro do ambiente de entrevistas, a fala formal/cuidadosa — geralmente utilizada nessa situação — constitui a categoria não-marcada. O aparecimento do vernáculo, por sua vez, vai depender da ocorrência de certos contextos que o favorecem, tais como: fala enunciada fora da entrevista normal, fala dirigida a uma terceira pessoa, fala que não é resposta imediata a perguntas, fala versando sobre jogos e rimas infantis, fala descrevendo uma situação envolvendo perigo de vida. Embora observe que diferentes velocidades, tom, volume, tipos de respiração e de riso marquem tipos de estilo, W. Labov não inclui nos seus estudos esses fatores.

Com base nas afirmações de que os diferentes graus de velocidade da fala não constituem unidades discretas, totalmente diferenciadas, mas distribuem-se em um único eixo de variação gradual, e de que o grau de velocidade da fala é inversamente proporcional ao grau de formalidade do discurso, este estudo pretende testar a hipótese de que a velocidade da fala — fator paralingüístico (2) — corresponde à explicação das variações estilísticas.

COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A amostra foi retirada de um corpus constituído de entrevistas aplicadas a cinco informantes do sexo feminino, na faixa etária de vinte e

três a trinta e um anos, domiciliadas em Salvador, com nível universitário concluído ou por concluir. A única exigência imposta para a escolha do grupo testado foi a sua homogeneidade, conseguida a partir do controle das variáveis intervenientes, relacionadas acima. Essa homogeneidade visou facilitar a aplicação da entrevista e análise dos dados. A definição do grupo, no entanto, foi arbitrária desde que a variação intra-individual da fala é constante e pertinente a todo e qualquer indivíduo.

Com o objetivo de criar um ambiente o mais natural e descontraído possível, as entrevistas foram aplicadas nas residências das informantes. Foram selecionados os seguintes assuntos que constituíram o roteiro do questionário motivador do diálogo: família - lugar de origem, atividades profissionais, sociais e culturais dos membros, lembranças de infância; crenças — convicções religiosas, superstições, credences, fenômenos sobrenaturais; diversões - atividades recreativas, festas populares, esportes, passeios; cozinha - pratos preferidos, habilidades culinárias; violência - insegurança nas cidades grandes; perigo de vida - acidentes, doenças, assaltos; língua — atitudes diante de variação de fala, preocupação com o modo de falar (3).

Excetuando *língua*, o último tema a ser abordado, por conscientizar o falante da realidade lingüística, os demais assuntos foram introduzidos, naturalmente, no decorrer da entrevista, à proporção que a conversação permitia. Como última etapa da entrevista, foi apresentado um texto escrito para ser lido pela entrevistada. A fim de obter-se uma leitura fluente, foi escolhido um texto da revista *Cláudia* (4), por tratar de assunto pertinente ao contexto sócio-cultural das entrevistadas.

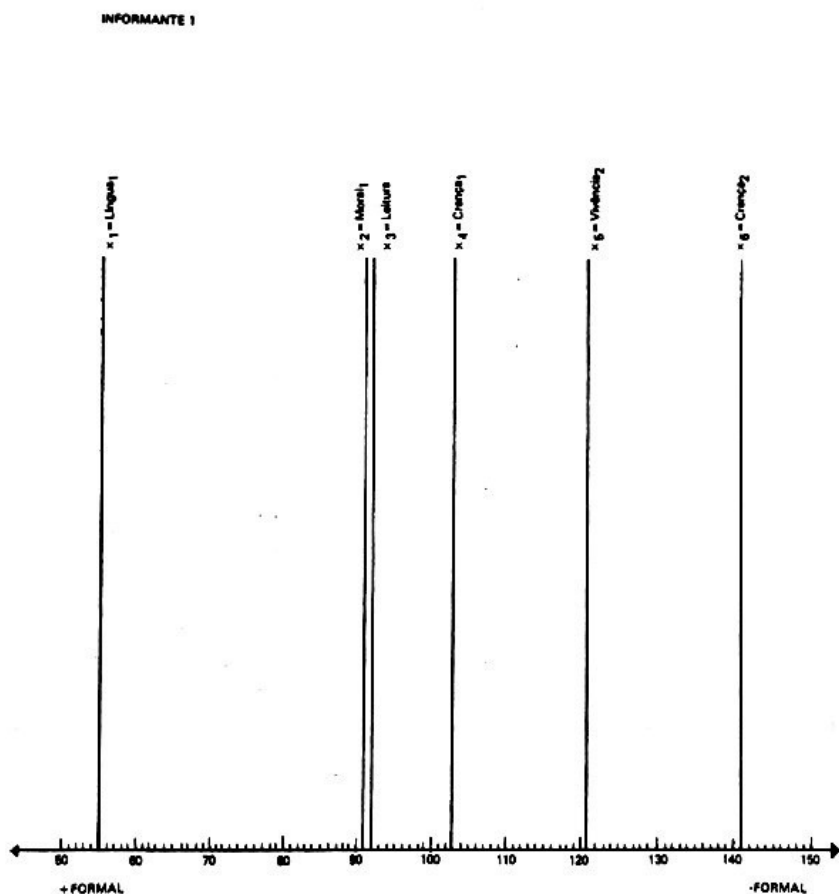
Diante da inexistência de um indicador de medida de velocidade que tivesse sido testado em investigações anteriores, foram computados o número de palavras e o número de sílabas proferidas em um tempo determinado, com o objetivo de selecionar a unidade mais adequada de medida. Constatou-se apenas a existência de uma relação entre o número total de sílabas e variação de velocidade.

Convém observar que a amostra estudada inclui trechos de fala referentes aos vários assuntos abordados. Dada a flexibilidade do roteiro da entrevista, no entanto, torna-se impossível uma homogeneidade completa e/ou tratamento igual dos temas discutidos por cada informante. Essa constatação fez com que fossem estabelecidos princípios classificatórios dos assuntos nas seguintes categorias: CRENÇA - englobando superstição, espiritismo e parapsicologia; MORAL - referindo-se às atitudes diante das normas sociais; VIVÊNCIA - significando a narração de experiências pessoais; PERIGO DE VIDA - incluindo assalto e acidente; TRABALHO - descrevendo a atividade profissional; INFORMAÇÕES PESSOAIS - narmando dados de identificação; LÍNGUA - relacionando as atitudes diante de tipos de fala; DESUMANIZAÇÃO SOCIAL - tratando da violência, agressividade; PÓS—ENTREVISTA, i.e. - gravações feitas após a conclusão da entrevista. Cada categoria foi subcategorizada em 1 e 2, a depender, respectivamente da participação direta ou não da informante no fato descrito, i.e., do seu envolvimento no mesmo (5).

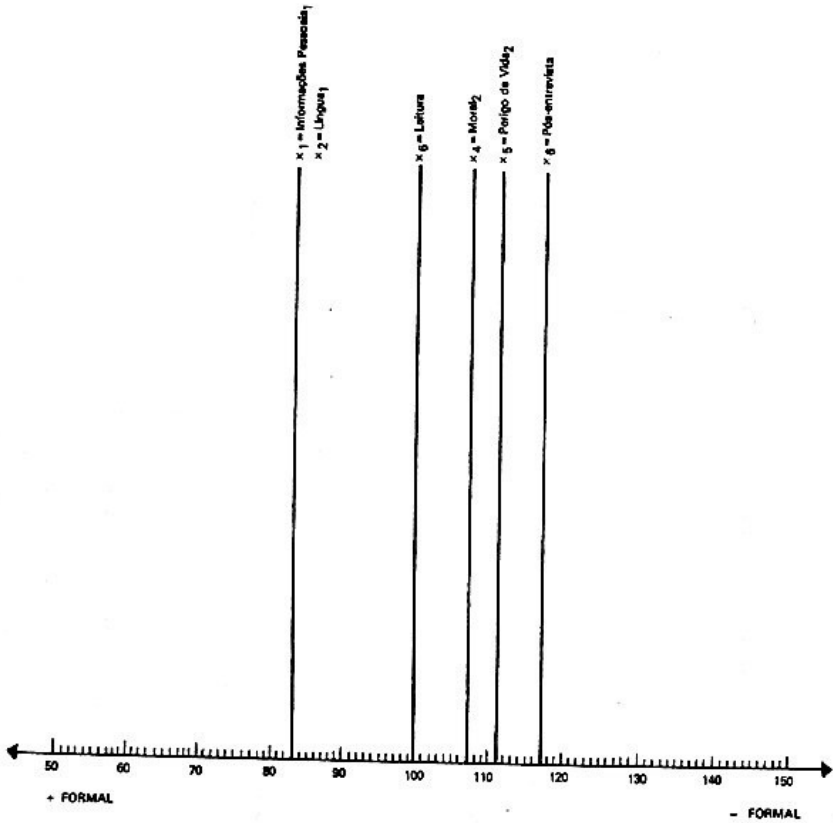
Como este estudo visa identificar um eixo de variação de velocidade que deve ser considerado por valores relativos e, não, absolutos, necessária se torna uma análise da amostra por informante. Os gráficos apresentados em seguida mostram a relação entre temas e número de sílabas enunciadas

em cada trecho de 15 segundos de duração, que constitui a amostra retirada da entrevista de cada uma das cinco informantes.

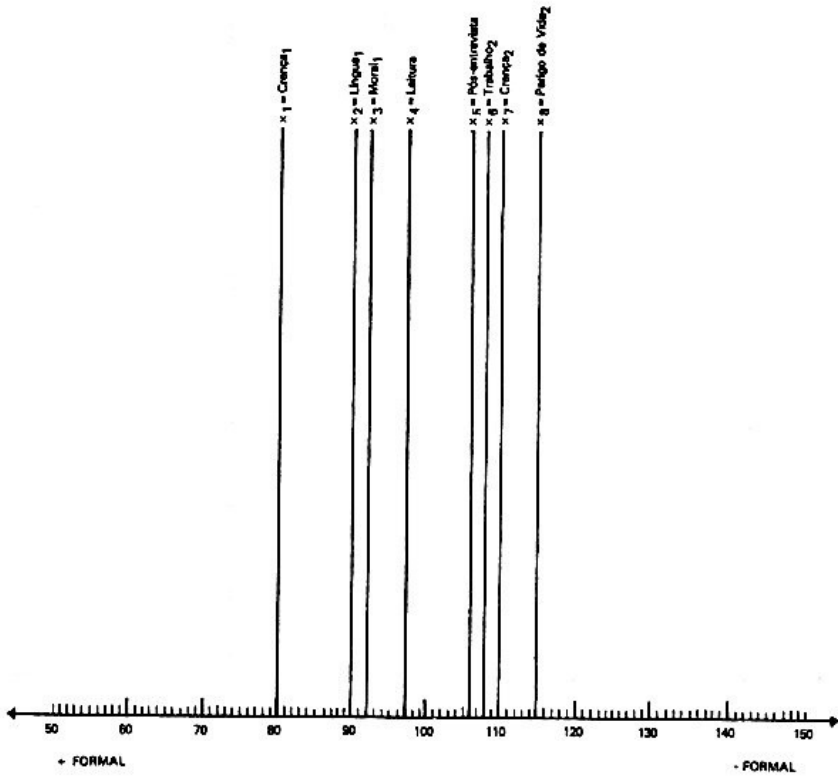
A classificação da amostra conforme as categorias de assunto evidência, para as cinco informantes, um padrão regular de distribuição no eixo de variação silábica. A correlação feita entre assunto e número de sílabas, para cada informante, apresenta os percentuais (6) descritos nos seguintes gráficos:



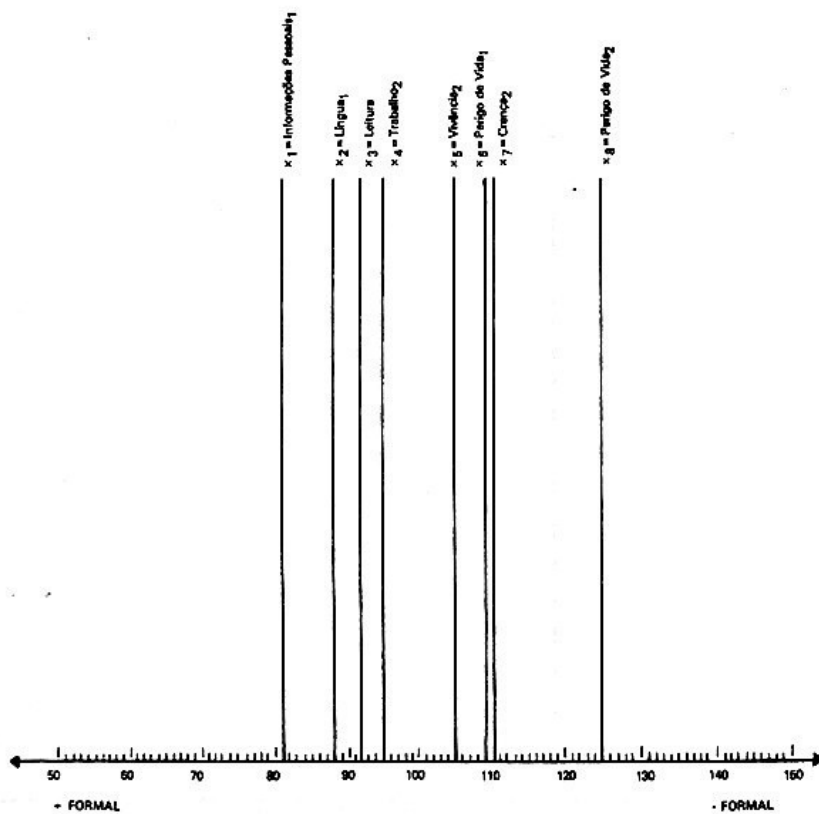
INFORMANTE 2



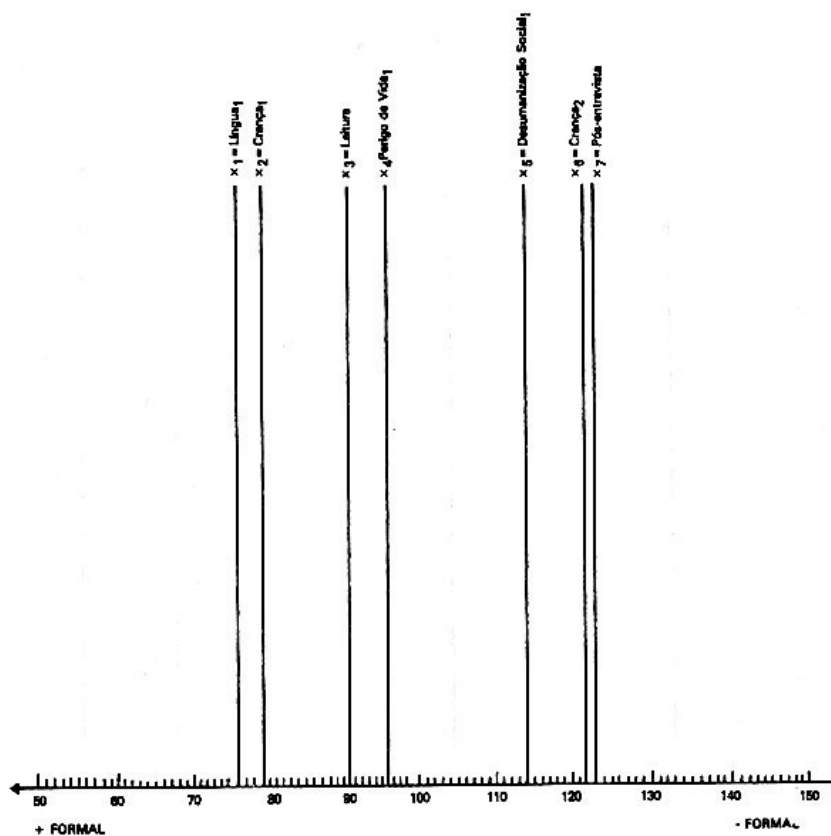
INFORMANTE 3



INFORMANTE 4



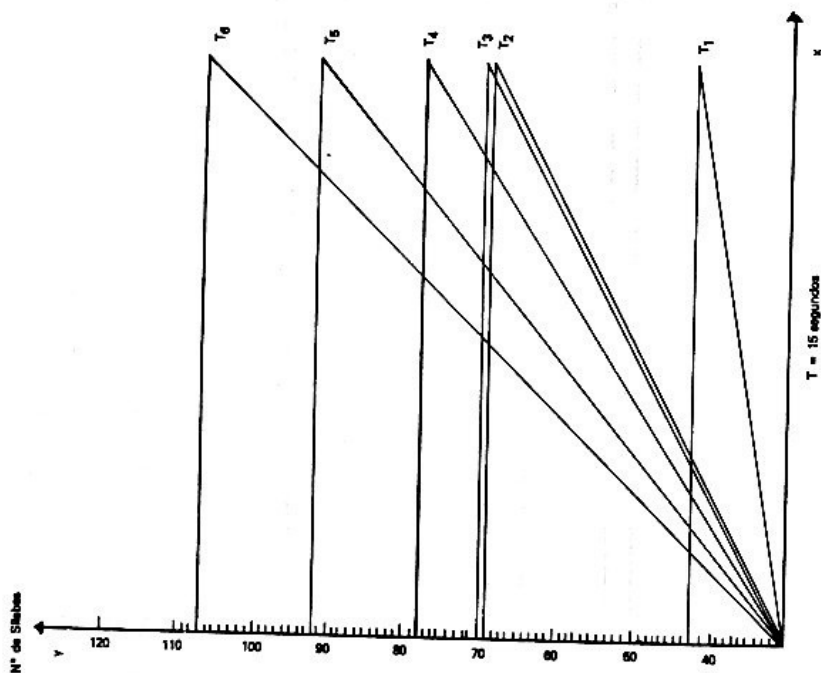
INFORMANTE 5



INFORMANTE 1

LEGENDA:

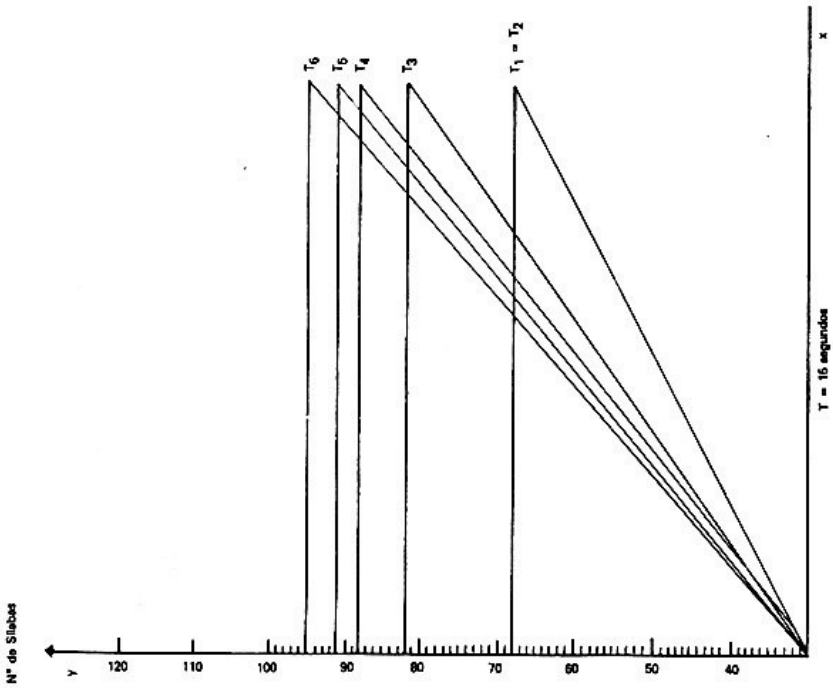
- T₁ = Lingua₁
- T₂ = Moral₁
- T₃ = Letura
- T₄ = Criança₁
- T₅ = Vivência₂
- T₆ = Criança₂



INFORMANTE 2

LEGENDA:

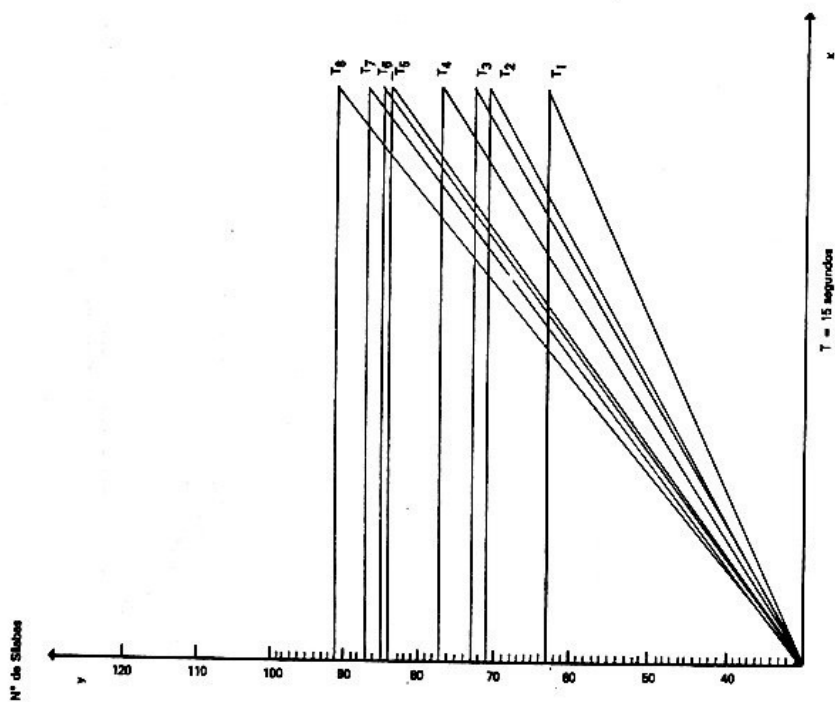
- T₁ = Informações Pessoais₁
- T₂ = Língua₁
- T₃ = Língua₂
- T₄ = Moral₂
- T₅ = Perigo de Vida₂
- T₆ = Pós-entrevista



INFORMANTE 3

LEGENDA:

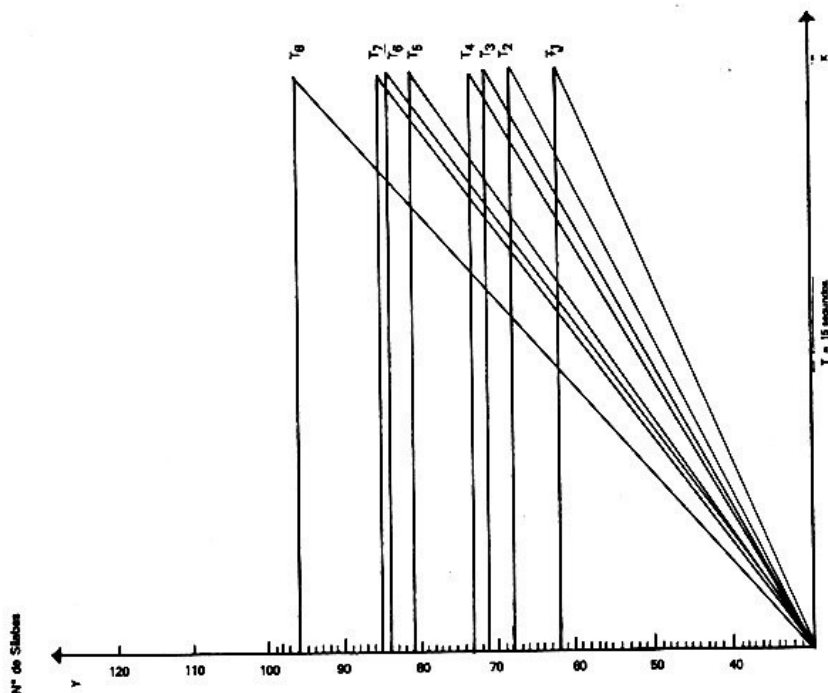
- T₁ = Crença₁
- T₂ = Língua₁
- T₃ = Moral₁
- T₄ = Lantura
- T₅ = Pbe-entrevista
- T₆ = Trabalho₂
- T₇ = Crença₂
- T₈ = Perigo de Vida₂



INFORMANTE 4

LEGENDA:

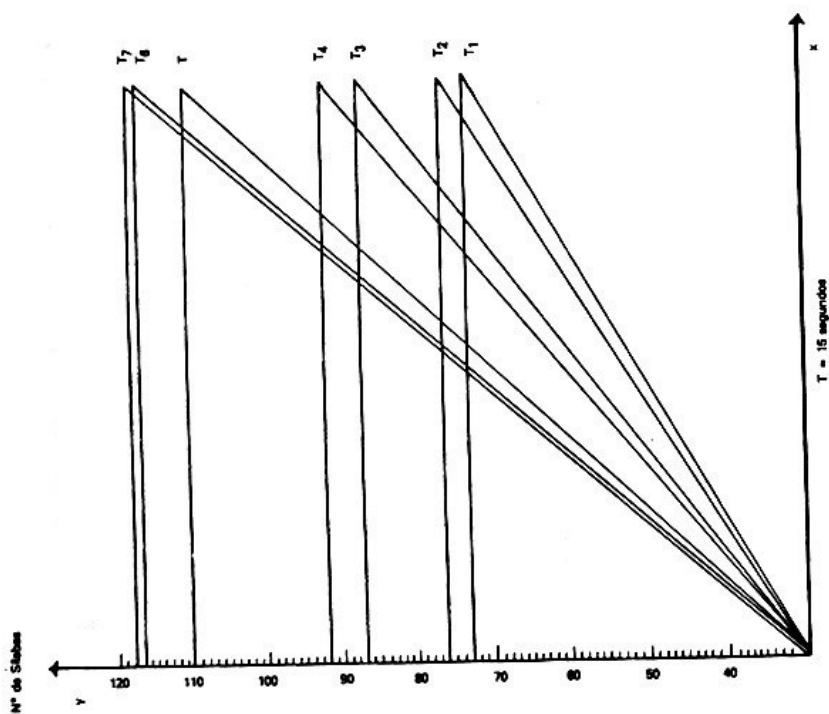
- T₁ = Informações Pessoais₁
- T₂ = Língua₁
- T₃ = Leitura
- T₄ = Trabalho₂
- T₅ = Vivências₂
- T₆ = Perigo de Vida₁
- T₇ = Criança₂
- T₈ = Perigo de Vida₂



INFORMANTE 5

LEGENDA:

- T₁ = Língua
- T₂ = Criança
- T₃ = Lettura
- T₄ = Perigo de Vida
- T₅ = Desumanização Social
- T₆ = Criança
- T₇ = Pbs-entrevista



A informante 1 apresenta um eixo de variação silábica concentrado entre as percentagens 91% e 141%. O texto referente a *língua*, no entanto, afasta-se bastante dessa margem de oscilação, atingindo somente 55% de velocidade. Apesar da discrepância no número de sílabas enunciadas em relação aos demais trechos da amostra, convém observar que o padrão de distribuição dos assuntos se mantém coerente com a proposta de W. Labov de que a categoria *língua* atinge um grau mínimo de velocidade de fala. O número excepcionalmente pequeno de sílabas pronunciadas, porém, justifica-se pela interferência de fatores extra-lingüísticos. Ao ser interrogada - "você acha que as pessoas mudam a maneira de falar de acordo com o ambiente, ou com as circunstâncias?" - a entrevistada oscila bastante, gagueja, faz pausas despropositadas, denotando que a pergunta por perturbá-la, provoca-lhe uma reação de preocupação com o que vai dizer e uma certa apreensão em não conseguir satisfazer o entrevistador. Essa situação prejudica enormemente a fluência da fala, tornando problemático o resultado atingido.

Todos os trechos que se colocam à esquerda da velocidade média da informante 1 são exatamente os que, conforme Labov (1972c.) provocam enunciados de fala lenta. O assunto *leitura*, com o percentual de 92%, no entanto, aproxima-se bastante da velocidade média, apresentando, desse modo, um comportamento distinto do previsto por Labov que atribui à leitura o grau máximo de formalidade. Por outro lado, os dados referentes ao eixo de variação silábica da informante 1 fortalecem a hipótese de que o envolvimento do falante na narração diminui o grau de atenção dedicado ao discurso, favorecendo a produção de fala rápida. Assim, a narração objetiva (sem envolvimento pessoal do falante) persiste até o percentual 103%. No momento em que o falante passa a narrador e ator, o número de sílabas produz uma velocidade que atinge 121%, em correlação com a categoria *vivência*, e 141%, com referência à categoria *crença*. Convém observar, ainda, que essa mesma categoria *crença* atinge as velocidades de 103% e 141%, a depender somente da participação do falante no evento narrado.

O eixo de variação silábica, correspondente à amostra de fala da informante 2, oscila entre as percentagens de 83% a 116%. Embora não haja uma grande distância entre os pontos extremos da escala existe um padrão de variação silábica. À esquerda da velocidade média, situam-se *informações pessoais* e *língua*, ambas com o percentual de 83%. O assunto *informações pessoais*, embora se refira a dados ligados à vida pessoal da informante, localiza-se na posição extrema-esquerda da escala por ter o falante tomado uma atitude objetiva, com a preocupação de não comprometer a sua imagem pessoal. Os assuntos situados à direita da velocidade média, referem-se a temas que descrevem episódios vividos direta ou indiretamente pela entrevistada. A gradação de envolvimento da informante determina a oscilação de percentuais. Assim, a categoria *moral*, que se localiza imediatamente à direita da velocidade média, trata de uma narração que, embora sem participação direta da informante, é usada para explicar uma reação sua a uma situação de perigo. Já o assunto *perigo de vida* apresenta um percentual de velocidade de 111%, indicando um aumento de apenas 4% em relação ao tema *moral*. O ponto máximo de rapidez, no entanto, corresponde a *pós-entrevista*, por se tratar de fala espontânea, sem a interferência da situação formal da entrevista, e dirigida

a uma terceira pessoa.

Dos itens relacionados à esquerda da velocidade média do eixo de variação da informante 3, *crença* destaca-se por apresentar o percentual de velocidade mais baixa, i.e., 80%, e por distanciar-se do item *língua*, colocado imediatamente após, com uma diferença de 10%. Esse baixo índice de velocidade atingido pela categoria *crença* pode ser justificado pelo fato da pergunta "você é supersticiosa?" não ter despertado qualquer interesse na entrevistada. Os três itens seguintes *língua*, *moral* e *leitura* formam um conjunto cujas diferenças de percentual são mínimas, consistindo de assuntos comprovadamente indicadores de estilo formal. Todos eles são abordados de modo objetivo. O item *moral* refere-se à opinião pessoal da informante sobre um problema que não foi realmente vivenciado por ela. Já os itens posicionados à direita da velocidade média atingem percentuais com valores bem próximos uns dos outros, principalmente *pós-entrevista*, *trabalho*² e *crença*², com uma diferença regular de apenas 2%. O traço comum a esses três assuntos é o envolvimento da informante nos fatos descritos. *Pós-entrevista* não ocupa o ponto máximo da escala, como nos demais eixos de velocidade analisados, talvez por referir-se a um assunto suscitado pela própria informante, com a intenção de mostrar-se atualizada, deixando bem claro, porém, o seu conhecimento superficial do mesmo. Em *crença*², apesar da entrevistada ter afirmado, anteriormente, não acreditar em fatos sobrenaturais, evidencia, através do seu estado emocional, uma certa preocupação com os mesmos, ao descrever, posteriormente, um episódio vivido por uma outra pessoa, contradizendo, assim a posição assumida inicialmente. O único assunto em que houve realmente um envolvimento total da informante foi *perigo de vida*, com o percentual mais alto de 115%. A informante narra um assalto ocorrido com sua própria mãe e presenciado por ela.

Os trechos da amostra referentes à gravação da informante 4, situados à esquerda da velocidade média, têm como característica comum o traço não-envolvimento do falante na situação descrita. O percentual menor corresponde ao assunto *informações pessoais*¹ que, embora trate de dados identificadores do falante, são apresentados de um modo objetivo. Convém observar ainda que esta categoria atinge percentual mais baixo do que *língua*¹, denotando a preocupação do falante em citar os fatos como se os mesmos estivessem distanciados de si mesmo. Em seguida, situam-se em ordem de proximidade da velocidade média, os temas *língua*, *leitura* e *trabalho*, com diferenças pequenas entre os percentuais. Dos assuntos posicionados à direita da velocidade média, somente *perigo de vida*¹ não está condicionado pelo fator envolvimento. Nesse caso, o próprio assunto — *perigo de vida* — provoca fala rápida, mas não tão rápida como quando associado a envolvimento. Desse modo, os assuntos *vivência*², *perigo de vida*¹ e *crença*², com percentuais de 105%, 109% e 110% respectivamente, distanciam-se visivelmente de *perigo de vida*² em que os fatores — assunto e envolvimento — atuam conjuntamente.

Os percentuais referentes aos dados da informante 5 apresentam um padrão de distribuição entre um mínimo de 76% e o máximo de 123%. A categoria *língua*¹ mantém a percentagem mais baixa, reforçando, portanto, a hipótese de que este tema implica na produção de fala lenta. Em posição bem próxima de *língua*¹, atingindo um percentual de 79%, encontra-se *crença*¹. Este mesmo assunto — *crença* — alcança também o percentual de

122%, posicionando-se imediatamente abaixo do percentual máximo alcançado de 123%. Mais uma vez, o fator que interfere nesse resultado continua sendo o envolvimento. A localização do tema *perigo de vida*, à esquerda da velocidade média com um percentual de 96%, parece contestar a hipótese de que o assunto condiciona o grau de velocidade da fala. Uma análise mais cuidadosa dos dados, contudo, explica essa idiossincrasia a partir da observação de que a informante descreve uma situação de perigo, vivida por uma outra pessoa, sem ter tido qualquer participação ou envolvimento com a mesma. Por sua vez, *desumanização social*, um tema objetivo, impessoal, atinge o percentual de 114% pelo fato da informante sentir-se aterrorizada diante da violência e agressividade das cidades grandes, havendo, portanto, envolvimento pessoal.

CONCLUSÃO

Os dados analisados nas amostras das cinco entrevistadas demonstram um padrão regular de distribuição da amostra no eixo de velocidade, condicionado pelo assunto abordado e, principalmente, pelo envolvimento do falante na situação descrita. Se tomarmos a velocidade média como ponto de referência, observamos que *leitura* ocupa quase o ponto mais próximo à esquerda e, em um dos eixos, identifica-se com a velocidade média da informante. Essa constatação contraria a posição defendida por Labov de que leitura de um texto escrito é sempre mais formal que o mais formal dos trechos da entrevista. O comportamento do item *língua*, localizando-se no ponto extremo da esquerda ou no mais próximo desse, por sua vez, confirma a proposta de William Labov ao defini-lo como um assunto que provoca estilo formal. Já o ponto extremo da direita é ocupado, alternadamente, por *pós-entrevista* e *perigo de vida*², com exceção da informante 1 que não tem incluídos, no seu eixo, esses dois assuntos.

Convém observar, entretanto, que, às vezes, um único assunto se distribui em pontos diferentes no mesmo eixo. Todos esses casos, porém, podem ser justificados pela presença ou ausência do envolvimento do falante na situação tratada. O fator envolvimento é aquele que mais interfere na localização dos itens à direita ou à esquerda da velocidade média.

As constatações empíricas atestam uma regularidade de distribuição dos graus relativos de velocidade provocados pelos níveis de formalidade, que, por sua vez, estão condicionados pelo assunto e, principalmente, pelo envolvimento do falante na situação descrita. Ficou ainda demonstrado pela distribuição dos assuntos, no eixo de velocidade individual, que os estilos formal e casual não são delimitados por uma oposição binária, mas localizam-se em vários pontos de um contínuo de variação gradual de velocidade.

NOTAS

1 CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. The MIT Press, 1st. Paper back edition. Cambridge, Massachusetts, January, 1969. p.4

2 Cf. RUDES, B. "Lexical representation and variable rules in natural generative phonology". IULC, 1975. p.229.

3 A seleção dos assuntos obedeceu aos critérios sugeridos por William Labov ao admitir uma relação entre situação contextual e grau de formalidade do discurso. Vide "The study of language in its social context".

4 Revista *Cldudia*, nº 210, mar., 1979.

5 O termo *envolvimento* é usado na acepção de participação ativa com carga emocional do falante.

6 A velocidade média de cada informante foi calculada a partir da média aritmética do total de sílabas do eixo de velocidade. Foram somadas as velocidades de todos os assuntos e o resultado, dividido pelo número de assuntos, i.e.:

$$V_m = \frac{V_{ass^1} + V_{ass^2} + V_{ass^n}}{n}$$

A seguir, foram calculados os percentuais referentes a cada ponto do eixo de velocidade com base na velocidade média.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE-GNERRE, M.B. O status teórico dos "tempos" (velocidade) de pronúncia na Fonologia Natural. In: Encontro Nacional de Linguística, 1, Rio de Janeiro, 1976. *Atas...* Rio de Janeiro, PUC, Departamento de Letras, 1976.
- _____. Simplificação e complicação de estruturas silábicas do português: duas tendências em conflito? In: Encontro Nacional de Linguística, 2, Rio de Janeiro, 1977. *Atas...* Rio de Janeiro, PUC, Departamento de Letras, 1977.
- _____. *Processos fonológicos segmentais com índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil. /s.n.t./*, 1978. Mimeogr. Inédito.
- BOLOZKI, Shmuel. Fast speech as a function of tempo in Natural Generative Phonology. *Journal of Linguistics*. (13):217-38, 1977.
- LABOV, William. The study of language in its social context. In: _____. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972. p.183-259.
- _____. The isolation of contextual styles. In: _____. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972. p.70-109.
- _____. *The design of a sociolinguistic research project: Report of the Sociolinguistic Workshop held by the Central Institute of Indian Languages. Mysore, India, 1972.*
- _____. The linguistic variable as a structural unit. *Washington Linguistics Review*, 3.422, 1966.
- RUDES, Blair A. *Lexical representation and variable rules in Natural Generative Phonology*. Bloomington, Indiana University Linguistics Club, 1975.
- ZWICKY, Arnold M. On casual speech. In: Chicago Linguistic Society. *Papers from the Eighth Regional Meeting*. Chicago, 1972. p.607-15.
- _____. Note on a phonological hierarchy in English. In: STOCKWELL, R. & MACAWLEY, R.K.S., eds. *Linguistic change and generative theory*. Indiana University Press, 1972.

SUMMARY

Present work is a synthesis of the results of a research made by the authors at the Federal University of Bahia, about the velocity as a factor of linguistic variation, research that used samples taken in Bahia.

The authors demonstrate by graphics the work they did, which "data (...) demonstrate a regular pattern of sample distribution in the axis of velocity, conditioned by the subject and mainly by the involvement of the talker in the described situation".

RÉSUMÉ

Le present travail est une synthèse des résultats d'une recherche faite par les auteurs, à l'Université Federale de Bahia, auteur de la velocity comme facteur de variation linguistique, recherche qui a utilisé des échantillons prises en Bahia.

Les auteurs démontrent en graphiques le travail qui ont réalisé, dont les données démontrent un patron régulier de distribution de l'échantillon dans l'axe de velocity, conditionné par le sujet abordé et surtout par l'enveloppement de la personne qui parle à la situation décrite".